

IMPACTOS EMOCIONAIS DO DIVÓRCIO NA VIDA DA MULHER: UM ESTUDO DE CASO

Ana Cristina de Souza Batista

UniProjeção, ac24091976@gmail.com

Heitor Natividade Oliveira

UniProjeção, heitor.oliveira@projecao.br

RESUMO

O divórcio representa uma ruptura significativa no ciclo vital, com repercussões emocionais particularmente intensas para as mulheres. Este estudo qualitativo, fundamentado em um estudo de caso detalhado, investigou os impactos psicossociais do divórcio na vida feminina através de uma entrevista semiestruturada com uma participante de 38 anos, divorciada há um ano. Utilizando o pseudônimo Camila, a entrevistada descreveu sua experiência em um casamento de nove anos caracterizado por conflitos conjugais, distribuição desigual de responsabilidades domésticas e abandono emocional durante um período crítico de saúde. Os resultados revelaram múltiplas camadas de consequências emocionais. A sensação de fracasso pessoal emergiu como tema central, vinculada à dificuldade de corresponder ao modelo familiar tradicional. Manifestações psicossomáticas incluíram distúrbios digestivos, alterações no padrão de sono, variações significativas de peso e episódios de ideação suicida. Identificou-se ainda como fator agravante a internalização de crenças culturais que idealizam a permanência matrimonial a qualquer custo, contribuindo para a manutenção prolongada de uma relação disfuncional. A análise à luz da Terapia Cognitivo-Comportamental evidenciou a necessidade de abordagens terapêuticas focadas na reconstrução identitária pós-divórcio e no manejo adaptativo do luto conjugal. Os achados sugerem que o processo de separação, embora vivenciado individualmente, é profundamente moldado por constructos sociais de gênero que sobrecarregam desproporcionalmente as mulheres. O estudo aponta para a importância de políticas públicas de saúde mental voltadas especificamente para mulheres em processo de divórcio, bem como para a necessidade de pesquisas futuras que contemplem a diversidade de realidades sociais e econômicas nesta população.

Palavras-chave: Divórcio; Saúde mental; Impactos psicossociais; Terapia Cognitivo-Comportamental; Mulher.

EMOTIONAL IMPACTS OF DIVORCE ON A WOMAN'S LIFE: A CASE STUDY

ABSTRACT

Divorce represents a significant rupture in the life cycle, with particularly intense emotional repercussions for women. This qualitative study, based on a detailed case study, investigated the psychosocial impacts of divorce on women's lives through a semi-structured interview with a 38-year-old participant who had been divorced for one

year. Using the pseudonym Camila, the interviewee described her experience in a nine-year marriage characterized by marital conflicts, unequal distribution of domestic responsibilities, and emotional abandonment during a critical health period. The results revealed multiple layers of emotional consequences. A sense of personal failure emerged as a central theme, linked to the difficulty of conforming to the traditional family model. Psychosomatic manifestations included digestive disorders, sleep disturbances, significant weight fluctuations, and episodes of suicidal ideation. Another aggravating factor identified was the internalization of cultural beliefs that idealize marital permanence at all costs, contributing to the prolonged maintenance of a dysfunctional relationship. Analysis through the lens of Cognitive-Behavioral Therapy (CBT) highlighted the need for therapeutic approaches focused on post-divorce identity reconstruction and adaptive management of conjugal grief. The findings suggest that while the separation process is experienced individually, it is profoundly shaped by gender social constructs that disproportionately burden women. The study underscores the importance of public mental health policies specifically targeted at women undergoing divorce, as well as the need for future research that considers the diversity of social and economic realities within this population.

Keywords: Divorce; Mental health; Psychosocial impacts; Cognitive-Behavioral Therapy; Woman.

INTRODUÇÃO

No passado, as mulheres não tinham o direito ao divórcio, mesmo em um casamento civil, pois estavam sujeitas a permanecer em um casamento sem amor ou até mesmo sob violência doméstica, física e mental, já que ao buscar a separação em relação ao seu marido, eram mal vistas em sociedade e em sua própria família, como mulheres fracassadas e até mesmo segregadas da sociedade.

Para falar de divórcio é preciso abordar a temática do casamento, uma vez que não existe divórcio sem que tenha existido um casamento previamente. Segundo Pimentel (2005), quando pensamos em constituir família, a primeira ideia que nos ocorre é o casamento, um regime notavelmente singular que tem sido objeto de estudos em diversas áreas; como psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, religião e direito.

Segundo a pesquisa de Silva, Cruz e Lerin (2023), a separação pode ocorrer em virtude de motivos banais ou complexos, sendo que ambos os casos podem levar ao fim dos casamentos. Diante disso, a opção mais sensata e segura para tomar uma decisão se resume na escolha pelo divórcio.

Contudo, há motivos que levam ao adiamento do divórcio por parte da mulher, como: medo, insegurança, dependência emocional, a presença de questionamentos como com quem os filhos vão passar a conviver quando estiverem com o pai? Além do medo de cair em uma depressão, durante e após o divórcio, pois estas mulheres podem sentir frustração por ter sua família desfeita. Afinal, podem ter que lidar com a pressão social e a estigmatização relacionada ao divórcio, em culturas onde este é visto como uma fonte de vergonha ou fracasso (Pereira, 2022).

Nesse contexto, tratar do divórcio não é algo fácil para os envolvidos, na medida em que enfrentar tal processo pode causar uma série de transtornos, fazendo com que, em vários casos, as mulheres optem por permanecer em relacionamentos abusivos e nos quais se sentem infelizes, já que o divórcio pode ser uma das experiências mais estressantes e dolorosas na vida de alguém. Sendo assim, o término de uma relação, casamento ou namoro, pode transformar a vida da mulher e causar um conjunto de emoções e sentimentos em sua vida, estando associado a fatores de perdas ou de ganhos, tais como alívio, liberdade, esperança, autoestima e autonomia (Pereira, 2022).

Existem diversos fatores durante um processo de divórcio que podem ocasionar impactos emocionais na vida de uma mulher, tais como medo, luto, dor, insegurança, angústia, tristeza, sofrimento, frustração, culpa, solidão, entre outros. Nesse sentido, destaca-se que o medo, em especial, impacta significativamente em sua sociabilidade, resultando no distanciamento de familiares e amigos, ou então, no desenvolvimento de um quadro de dependência emocional em relação a tais indivíduos (Pereira, 2022).

Assim, foi estabelecido o seguinte problema de pesquisa: quais são os impactos emocionais enfrentados por mulheres durante o processo de divórcio? Logo, o objetivo geral do presente estudo foi compreender os impactos emocionais que podem ocorrer na vida da mulher em situação de divórcio.

REVISÃO DE LITERATURA

O casamento é uma das tradições mais antigas e praticadas em todo o mundo, embora seja frequentemente relacionado ao cristianismo e, mais especificamente, à Igreja Católica. Hoje em dia, é considerado uma ação, um contrato, uma formalidade ou uma cerimônia realizada para estabelecer uma união conjugal, com o objetivo de viverem juntos (Pimentel, 2005).

Atualmente, o conceito de casamento mudou, sendo mais associado ao amor, embora ainda envolva interesses individuais. Hoje em dia, o casamento representa a união de duas pessoas que se amam que deseja criar laços familiares e viverem felizes para sempre. No entanto, é importante lembrar que esse “felizes para sempre” pode ter um fim, causando impactos emocionais na vida de uma mulher (Magalhães, 2006).

Para qualquer indivíduo, o divórcio pode ser um evento traumático, mas é conhecido que as mulheres enfrentam um desafio único durante este processo. Para todas as pessoas envolvidas, trata-se de um processo complicado, resultando ainda em desafios durante e após tal processo, graças a uma variedade de fatores sociais, culturais e psicológicos (Araújo, 2020).

De acordo com Lamela, Figueiredo e Bastos (2010), o divórcio é o segundo fator mais destrutivo e estressor na vida adulta, e em primeiro lugar a morte do cônjuge. Para a teoria da vinculação, todas as experiências emocionais vivenciadas por um indivíduo em seu ciclo de vida contribuem diretamente para sua saúde psicológica, tendo em vista a capacidade de influência no desenvolvimento social e

emocional, além da forma e intenção presente em relacionamentos comuns da vida adulta.

Ademais, não surpreende que duas situações de separação ou morte, entre os muitos estressores poderosos descritos empiricamente, contenham acontecimentos de vida que os adultos percebem como os mais rígidos do ponto de vista da sua reestruturação psicológica e social. Nos sistemas de procura e prestação de cuidados, os adultos divorciados reportam mais *distress* psicofisiológico, perdas acentuadas na segurança econômica e financeira e no suporte social, alterações depreciativas na percepção do *self* e desestabilização emocional (Lamela; Figueiredo; Bastos, 2010).

Segundo Araújo (2020), a realidade de um impacto emocional na saúde da mulher é um fato, mesmo para a mulher que ansiava por esse resultado em seu relacionamento, indiferente quanto à perda do amor ou no caso de um relacionamento pautado pelos abusos. Assim, mudanças inesperadas ou esperadas começam a aparecer, podendo ser econômicas, relacionadas à diminuição do padrão de vida, divisão patrimonial, (dependendo do regime civil de casamento); familiares, pertinentes à tutoria dos filhos e também mudanças sociais e comunitárias.

Ainda, conforme aponta Araújo (2020), destaca-se que o divórcio pode causar danos físicos e emocionais na vida de uma mulher, sendo comparado a um luto pela perda de um ente querido. Dessa forma, os danos emocionais podem chegar até mesmo a uma depressão e/ou ao suicídio.

De acordo com Paixão e Muner (2021), a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) vem para auxiliar a mulher em situação de divórcio, perceber padrões comportamentais que a levam a não conseguir superar o término do casamento, o que pode ocasionar um processo depressivo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de estudo de caso de natureza qualitativa, que de acordo com Creswell (2014), pode ser entendida como uma atividade responsável por localizar o observador no mundo, constituindo um conjunto de práticas de interpretação visando tornar uma amostra mais visível, uma vez que não se pode mensurá-la apenas com dados obtidos por meio da aplicação de instrumentos como questionário, mas também busca-se compreender aspectos subjetivos do tema, tais como as ideias de um indivíduo e o comportamento humano.

A participante foi uma mulher heterossexual cis gênero de 38 anos de idade. Nesse relato, é usado o pseudônimo Camila para nos referirmos a ela. Foi casada durante nove anos e estava separada havia um ano quando da realização da pesquisa. Teve uma filha durante o casamento que estava com nove anos de idade, e o ex-parceiro possuía duas filhas de um relacionamento anterior. É professora há 20 anos, atuando na educação básica, em uma escola particular, com remuneração mensal na faixa de R\$2.600,00. No momento da pesquisa, era discente de um curso de nível superior. A participante foi selecionada por conveniência, através da rede de contatos dos pesquisadores, atendendo aos critérios de: (a) ter vivido um divórcio nos últimos dois anos; (b) disponibilidade para relatar experiências emocionais. Não foram estabelecidos critérios de exclusão.

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Santa Marta (parecer nº 82074624.0.0000.8101), foi realizada uma entrevista semiestruturada, de forma presencial, na residência da participante, em prol do estabelecimento de um ambiente mais confortável e acolhedor para a entrevistada. Teve duração de aproximadamente uma hora, e as falas foram gravadas e transcritas.

Os dados foram analisados mediante leitura e categorização das respostas obtidas, por meio da identificação de padrões, crenças, tendências e conexões entre as informações, com posterior interpretação e discussão à luz da revisão bibliográfica da Teoria da Cognitivo-Comportamental (TCC).

Segundo Bardin (1977), a categorização pode ser descrita como uma operação fundamental da análise qualitativa, envolvendo a classificação de elementos em grupos baseados em características comuns, permitindo por sua vez uma reorganização em classes ou categorias gerais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MOTIVOS QUE LEVAM A UMA SEPARAÇÃO

Ao perguntar à participante Camila sobre o principal motivo que levou à sua separação, ela identifica como fatores principais as brigas, a traição e a falta de conexão entre o casal. Camila descreve seu ex-companheiro como passivo e acomodado, enquanto se considera uma pessoa mais ativa.

Acho que o principal problema na nossa dinâmica era que ele não fazia nada dentro de casa, em todos os sentidos. quando fazia algo, reclamava. Aí o bicho pegava, eu me sentia sobrecarregada. Ele podia me ver preparando a comida, cuidando da casa e estudando, e ainda assim não se oferecia para ajudar em nada. Essa falta de colaboração gerava brigas, e eu tinha dificuldade de pedir. Então eu não pedia e ele não se oferecia. (Camila).

Brito (2007) afirma que a separação é uma alternativa viável diante de brigas frequentes entre casais. Desentendimentos contínuos, sem resolução ou diálogo claro, podem prejudicar a saúde psicoemocional dos envolvidos. O autor ressalta que o companheirismo e o esforço para construir uma relação saudável são essenciais. Quando essas condições não são atendidas, o divórcio torna-se uma consequência inevitável.

Conforme descreve a entrevistada, quanto à sua percepção da relação em que estava envolvida: “Ele era totalmente indisponível emocionalmente porque tinha TDAH e não mantinha uma rotina de sono e alimentação. Ele comia e dormia em horários diferentes. Era viciado em redes sociais e TV, acomodado no sentido de eu resolver tudo.” E complementa: “Trabalhava três dias por semana e folgava dois. Mesmo sendo um serviço tranquilo, ele reclamava. Não dava atenção para nós em casa, e não dialogava.” (Camila).

A vinculação na vida adulta envolve um conjunto complexo de sistemas de regulação emocional, comportamental e relacional, impactando tanto o convívio social

quanto o núcleo familiar. A incapacidade de reconhecer a insatisfação e insegurança do parceiro, juntamente com a falta de atenção na manutenção da relação, contribui para a deterioração do vínculo afetivo, tornando a separação cada vez mais provável (Lamela; Figueiredo; Bastos, 2010).

Até tínhamos uma expectativa: iríamos esperar a aposentadoria para nos mudarmos para o interior do Nordeste, mas nos últimos dois anos minha saúde piorou muito, afetando diretamente meu casamento. Eu sangrava de nove em nove dias, passei por internação e tive um processo judicial contra o plano de saúde. [...] Sofri com dores frequentes, choro e depressão. Isso acabou assustando o meu marido. Eu sabia que não podia estar vulnerável, que ele me abandonaria. E foi isso mesmo o que aconteceu, ele me abandonou depois da viagem. (Camila).

O discurso revela um descontentamento profundo com a divisão de responsabilidades dentro da relação. A fala apresenta uma carga emocional intensa, evidenciando frustração, solidão e ressentimento. É possível notar que uma crença fundamental relacionada ao desamor remete à sensação de não ser amado ou digno de amor, gerando sentimentos de isolamento, rejeição e desconexão. Essa ideia está ligada ao medo de que a doença resulte em abandono.

RESPONSABILIDADES NO CASAMENTO

De acordo com a fala da entrevistada, todas as decisões importantes do casal, como mudanças de residência e a compra de um carro, recaíam sobre ela, mesmo durante períodos de doença. Camila tinha dificuldade em pedir ajuda ao marido, que se mostrava indiferente e não contribuía nas tarefas diárias, resultando em desorganização no lar.

A responsabilidade pelo cuidado é desproporcionalmente atribuída às mulheres, que, conforme convenções culturais, assumem o ônus de cuidar dos filhos, pais, cônjuges e pela manutenção do lar. Essas responsabilidades, frequentemente naturalizadas, tornam-se invisíveis e desvalorizadas na sociedade (Montenegro, 2018).

Dessa forma, Duarte e Paulino (2020, p.465) afirmam que:

[...] as mulheres até então são reconhecidas como prestadoras de serviços, não como sujeitos de direito ou detentores de vontade, sendo submetidas a padrões estéticos e de comportamento, e tendo seu intelecto rebaixado a características secundárias. A autora escreve ainda que o núcleo de todas as formas de violência contra a mulher está na concepção socialmente aceita de que ela seja um objeto, uma imagem que deve cumprir uma função em prol do outro, o homem.

DESILUSÃO AMOROSA

A participante começou a acreditar que seu marido não tinha coragem de encerrar o relacionamento. A situação se tornou ainda mais complexa quando ele começou a fazer propostas estranhas. Ele sugeriu que ela ficasse em uma casa do

casal, localizada em outra cidade, enquanto ele permaneceria na residência atual, estabelecendo que os três – ela, ele e a filha – se encontrariam apenas nos fins de semana. Essa proposta a deixou ainda mais confusa e insegura sobre o futuro do relacionamento.

Assim terminou a história de um casamento que não culminou em um “*felizes para sempre*”. Sonhos foram desfeitos, planos se evaporaram, e uma promessa foi quebrada.

Declara ter se separado em um momento difícil de sua vida, quando estava doente e recém-operada, além de ter perdido seu plano de saúde devido à separação. Com lágrimas nos olhos, relata que seu ex-marido ao menos poderia ter mantido o plano de saúde até que ela se recuperasse, mas ao invés disso, ele lhe fez cobranças sobre os custos da cirurgia que ela havia realizado enquanto ainda estavam juntos, demonstrando falta de consideração.

Segundo Féres-Carneiro (2003), a mulher frequentemente vivencia a mágoa, a solidão e a falta do amor genuíno. O ressentimento e o ódio pela perda das ilusões depositadas no casamento ou na parceria geram um desejo de aniquilar o outro. Diante da crise, os envolvidos geralmente tentam negá-la, evitando confrontar possíveis desilusões e buscando desesperadamente manter o modelo funcional no casamento. Essa insistência, no entanto, dificulta o processo, tornando o sofrimento e a desilusão ainda maiores após o término da relação.

LUTO

A participante descreve o divórcio como um luto constante. Ela se sente como se estivesse vivendo um pesadelo, com momentos em que se pergunta se está acordada ou sonhando. “Cadê fulano?”, ela se pergunta, como se ainda estivesse em um estado de choque, um verdadeiro filme de suspense.

Ela relata que, mesmo durante atividades cotidianas, como comer, é tomada por lembranças do ex-marido. Lugares que frequentavam juntos evocam memórias e a confundem. Questiona-se sobre o motivo de se lembrar dele, pois reconhece que o relacionamento era tóxico e que ele lhe fazia mal. Apesar disso, a dependência emocional e a ausência física do ex-marido ainda causam sofrimento, como se estivesse em luto pela perda da presença do outro em sua vida.

A entrevistada, em seus relatos, descreve a experiência dolorosa de ter pensado em suicídio e em desistir da vida. Ela menciona que já cogitou a possibilidade de jogar seu carro em um barranco ou de lançá-lo de uma ponte.

Em meio às lágrimas, Camila fala: “Desculpa, filha, mas a mãe não aguenta mais. Isso aqui não é para mim; sinto que não pertença a esse mundo. Estou me sentindo como um peixe fora d'água.”

O seu relato revela os impactos desse processo de separação, é uma luta interna que muitas pessoas podem enfrentar, embora nem todas tenham a coragem de expressar a sua dor por vergonha. A menção ao suicídio e ao desejo de desistir da sua própria vida demonstra um estado de sofrimento intenso.

A culpa e a vergonha são sentimentos comuns, em uma relação desfeita. O sofrimento é um tampão em um buraco que provoca um efeito panela de pressão. A crença do desamparo se faz presente. A desesperança e o estado de incapacidade de projeto de vida para o futuro foram desfeitos.

De acordo com Silva (2022), tais situações requerem um luto que precisa ser tratado de maneira apropriada. A ideia de amor como uma força transformadora se forma desde a infância, sendo composta por aspectos como confiança, comprometimento, cuidado, responsabilidades, aprendizado e valorização.

Ainda segundo Silva (2022, p. 12):

o luto deve ser vivido e processado em suas diversas etapas. Entre os desafios desse processo, estão: a) aceitar a realidade da perda; b) lidar com a dor do luto; c) adaptar-se a uma vida sem a pessoa perdida; e d) encontrar uma forma de conexão duradoura com essa pessoa enquanto se inicia uma nova vida.

OS IMPACTOS EMOCIONAIS

Camila expressa uma profunda sensação de fracasso, refletindo sobre as expectativas da sociedade quanto à família, que idealiza a união de pai, mãe e filhos. Ela se sente incapaz de alcançar esse modelo familiar que a sociedade tanto prega, o que a leva a acreditar que não conseguiu construir a felicidade que tanto se espera.

Compartilha que, a cada dia, sentia como se estivesse morrendo um pouco. Esse sentimento a fez perceber que precisava de ajuda. Decidiu buscar atendimento psicológico e psiquiátrico. De acordo com o relato da entrevistada, os impactos emocionais do processo de divórcio resultaram em diversos problemas de saúde, como insônia, gastrite nervosa, trombose hemorroidária, ganho de peso e compulsão alimentar, e com isso precisou ajustar sua medicação psiquiátrica. Desde a separação, passou a tomar um estabilizador de humor, bupropiona.

Segundo Soares e Xavier (2023), o divórcio pode causar um profundo impacto emocional na vida de uma mulher. Frequentemente, elas passam por uma gama de sentimentos, incluindo tristeza, solidão, raiva, frustração e, em certos casos, indignação, junto com a necessidade de encontrar suporte.

A INFLUÊNCIA CULTURAL E CRENÇAS CENTRAIS

Camila também menciona que suas crenças sobre a família foram formadas na infância. Desde cedo, ela acreditou que o casamento era eterno, em parte por causa do sofrimento que presenciou em casa. Seu pai nunca se separou, mesmo enfrentando uma relação difícil com sua mãe narcisista, sempre defendendo que o matrimônio deve durar a vida toda. Hoje, Camila entende que, se seu pai tivesse se separado, sua mãe não conseguiria lidar com a situação, pois era totalmente dependente dele.

Essas crenças moldaram as decisões de Camila sobre seu próprio casamento. Ela reconhece que, se não tivesse sido influenciada pela ideia cultural de que o

casamento é perpétuo, provavelmente teria se divorciado antes, evitando muitas frustrações e danos físicos e emocionais

O divórcio é um processo complicado para todos os participantes, mas acontece frequentemente com um impacto negativo específico na mulher. A mulher enfrenta desafios únicos desde o nascimento, devido a uma variedade de fatores sociais, culturais e psicológicos. E por essas razões, por ser criada de maneira diferente dos homens, sofre com os impactos do divórcio, durante e após o rompimento. Além disso, são inúmeras as consequências que uma mulher pode enfrentar, como preconceito da sociedade, do grupo religioso, no trabalho, no meio escolar, familiar etc. (Paiva, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensação de fracasso na vida pessoal e amorosa constitui um dos principais impactos emocionais observados, assim como a incapacidade de construção e manutenção do modelo familiar valorizado pela sociedade. O enfrentamento do processo também está diretamente associado com outros impactos decorrentes do abalo emocional causado, tais como problemas de saúde, gastrite, mudança de peso, compulsão alimentar, insônia, afastamento social, tristeza, raiva e desesperança. Tais consequências evidenciam a importância da busca por auxílio e acompanhamento psicoterapêutico para o enfrentamento adequado de um momento tão delicado e complexo, assim como para uma melhor recuperação da saúde física e psicológica e, principalmente, controle e gerenciamento dos impactos emocionais decorrentes do divórcio.

Por fim, destaca-se a importância de mais estudos sobre a temática proposta em prol de um entendimento ainda mais aprofundado sobre o divórcio e os principais impactos psicológicos e emocionais decorrentes de seu enfrentamento, especialmente para o público feminino, em prol da construção e consolidação de metodologias assistenciais psicoterapêuticas capazes de auxiliar mulheres no enfrentamento de tal processo de forma resolutiva e humanizada.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, T. R. **Rompimento das relações amorosas e o processo de ansiedade em mulheres**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, Tocantins, 2020. Disponível em: <https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/publico/home/documento/2201>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRITO, L. M. T. Família pós-divórcio: a visão dos filhos. **Revista Psicologia e Ciência**, v. 27, n. 1, 2007.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.

DUARTE, D. S.; PAULINO, P. R. V. O machismo e sua influência nas crenças centrais femininas. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 4, 2020.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, p. 367-374, 2003.

LAMELA, D., FIGUEIREDO, B.; BASTOS, A. Adaptação ao Divórcio e Relações Coparentais: Contributos da Teoria da Vinculação. **Revista Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, n. 3, 2010.

MAGALHÃES, A. S. **Influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal**: um estudo de caso. 2006. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

PAIVA, A. P. **Impacto financeiro e organização da mulher após o divórcio: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 107, 2011.

PAIXÃO, F. M.; MUNER, L. C. Separação Conjugal: Compreendendo Vivências De Apego, Perdas E Luto Em Mulheres Após O Término. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico** - ISSN 2525-8508, v. 7, n. 2, p. 85-104, 2021.

PEREIRA, B. S. Vamos falar sobre divórcio? **Ordem dos Psicólogos**. Disponível em: https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/opp_vamosfalardedivorcio_documento.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.

PIMENTEL, H. O casamento no Brasil Colonial: um ensaio historiográfico. **Em Tempo de Histórias**, n. 09, 2005.

SILVA, L. B.; CRUZ, M. T. B.; LERIN, C. A problemática do reconhecimento do divórcio por talaq no Brasil e sua possível violação à ordem pública. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, v. 19, n. 1, 2023.

SOARES, A. V. R.; XAVIER, M. R. O. **Luto simbólico no divórcio:** uma revisão sistemática de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Sorocaba. São Paulo, 2023.

SILVA, S. A. **O divórcio na perspectiva feminina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Juazeiro do Norte, 2022.